

500 QUESTÕES

TJ-RJ

QUESTÕES GABARITADAS

NV 014MR-20



Cód.: 9088121442276

Todos os direitos autorais desta obra são protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/12/1998.
Proibida a reprodução, total ou parcialmente, sem autorização prévia expressa por escrito da editora e do autor. Se você conhece algum caso de "pirataria" de nossos materiais, denuncie pelo sac@novaconcursos.com.br.

OBRA

Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro

500 Questões Gabaritadas

PRODUÇÃO EDITORIAL/REVISÃO

Leandro Filho

DIAGRAMAÇÃO

Willian Lopes

CAPA

Joel Ferreira dos Santos



www.novaconcursos.com.br

sac@novaconcursos.com.br

ÍNDICE

CADERNO DE QUESTÕES – TJ-RJ

Português.....	01
Matemática.....	17
Informática.....	23
Administração Geral.....	31
Administração Pública.....	41
Direito Administrativo.....	48
Direito Constitucional.....	56
Direito Civil.....	65
Direito Processual Civil.....	73
Direito Penal.....	81
Direito Processual Penal.....	89
Orçamento Público.....	96
Direito Das Pessoas Com Deficiência.....	104

1. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

O dia 12 de outubro de 1822, data da aclamação do imperador Pedro I, amanheceu nublado e chuvoso no Rio de Janeiro. Mas nem a chuva nem as rajadas de vento conseguiram atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente. Logo ao alvorecer, a cidade foi acordada por uma ensurdecadora salva de canhões, disparada das fortalezas situadas na entrada da baía de Guanabara e dos navios de guerra ancorados no porto. As ruas estavam ocupadas pela multidão e das varandas pendiam colchas, toalhas bordadas e outros adereços. Os moradores colocaram suas melhores roupas e saíram às janelas para ver o espetáculo.

(Adaptado de Laurentino Gomes. 1822. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 207)

As ruas estavam ocupadas pela multidão...

A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a **voz ativa** é:

- a) ocupava-se.
- b) ocupavam.
- c) ocupou.
- d) ocupa.
- e) ocupava.

2. (TJ-RJ –ANALISTA JUDICIÁRIO– FGV – 2014)

- Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa. (*Superinteressante*, novembro de 2014).

O segmento do texto 2 em que a preposição destacada faz parte de um adjunto e NÃO é solicitada obrigatoriamente por nenhum termo anterior é:

- a) "Estamos no trânsito de São Paulo";
- b) "salvo de acidentes";
- c) "em sincronia com os demais veículos lá fora";
- d) "assistindo ao seu seriado preferido";
- e) "basta informar ao computador".

3. (TJ-RJ –ANALISTA JUDICIÁRIO– FGV – 2014)

BEM TRATADA, FAZ BEM

Sérgio Magalhães, O Globo

O arquiteto Jaime Lerner cunhou esta frase premonitória: "O carro é o cigarro do futuro." Quem poderia imaginar a reversão cultural que se deu no consumo do tabaco?

Talvez o automóvel não seja descartável tão facilmente. Este jornal, em uma série de reportagens, nestes dias, mostrou o privilégio que os governos dão ao uso do carro e o desprezo ao transporte coletivo. Surpreendentemente, houve entrevistado que opinou favoravelmente, valorizando Los Angeles – um caso típico de cidade rodoviária e dispersa.

Ainda nestes dias, a ONU reafirmou o compromisso desta geração com o futuro da humanidade e contra o aquecimento global – para o qual a emissão de CO2 do rodoviário é agente básico. (A USP acaba de divulgar estudo advertindo que a poluição em São Paulo mata o dobro do que o trânsito.)

O transporte também esteve no centro dos protestos de junho de 2013. Lembremos: ele está interrelacionado com a moradia, o emprego, o lazer. Como se vê, não faltam razões para o debate do tema.

"Talvez o automóvel não seja descartável tão facilmente. Este jornal, em uma série de reportagens, nestes dias, mostrou o privilégio que os governos dão ao uso do carro e o desprezo ao transporte coletivo. Surpreendentemente, houve entrevistado que opinou favoravelmente, valorizando Los Angeles – um caso típico de cidade rodoviária e dispersa."

Nesse parágrafo do texto 1, a troca de posição de elementos que provoca perda de coerência ou incorreção gramatical é:

- a) talvez o automóvel não seja descartável tão facilmente / talvez o automóvel não seja tão facilmente descartável;
- b) este jornal, em uma série de reportagens, nestes dias, mostrou / Nestes dias, em uma série de reportagens, este jornal mostrou;
- c) mostrou o privilégio que os governos dão ao uso do carro / mostrou que os governos dão privilégio ao uso do carro;
- d) surpreendentemente, houve entrevistado que opinou favoravelmente / Houve entrevistado que opinou favorável e surpreendentemente;
- e) cidade rodoviária e dispersa / cidade dispersa e rodoviária.

4. (TJ-RJ –ANALISTA JUDICIÁRIO– FGV – 2014)

TEXTO 1 - CONSTRUIR A REALIDADE

José Antonio Marina

Todos queremos viver em liberdade e procuramos construir caminhos para alcançar esse propósito. Se um problema atravessa nossas vidas, nos sentimos impossibilitados de estar plenamente livres, pois há limitações e dificuldades de atuar. Ficamos em uma rua sem saída.

Felizmente, a inteligência nos permite encontrar soluções e nos possibilita criar alternativas. O pensamento liberta! Não nos contentamos em conhecer, não nos basta possuir, não somos seres passivos. Nossos projetos buscam conectar-se à realidade e ampliá-la. Por exemplo, milhares de pessoas leem livros de autoajuda, pois desejam mudar sua própria realidade, ainda que os resultados sejam pequenos. Então, por que continuam lendo? Porque a simples ideia de que "se pode" mudar enche o coração de esperança.

Em muitas ocasiões, nos sentimos presos à realidade, sem poder agir, limitados pelas contingências da vida. Felizmente, a inteligência nos diz que, dentro de certos limites - a morte é um deles -, a realidade não está totalmente decidida; está esperando que acabemos de defini-la. A realidade não é bela nem feia, nem justa nem injusta, nem exultante nem deprimente, não há maniqueísmo. A vida é um conjunto de possibilidades que devem ser construídas. Por isso, nada é definitivo, tudo está por vir. As coisas adquirem propriedades novas quando vamos em direção a elas com novos projetos.

Observemos essa explosão do real em múltiplas possibilidades. Cada coisa é uma fonte de ocorrências, cada ponto se converte na intersecção de infinitas retas, ou de infinitos caminhos. Cada vez mais se desfazem os limites entre o natural e o artificial. 4

TEXTO 2 - A REALIDADE PERCEBIDA PELOS ANIMAIS

É difícil imaginar como pode ser o mundo de um animal considerando que não só sua inteligência, mas também seus sistemas sensoriais são diferentes dos nossos. Todavia, os animais captam estímulos que nós não captamos. O ornitorrinco, por exemplo, percebe com seu bico, parecido com o dos patos, as descargas elétricas produzidas pelos camarões, a um metro de distância. As abelhas percebem as alterações elétricas causadas por uma tempestade distante e voltam para a colmeia; as serpentes detectam o calor de suas vítimas; os morcegos percebem o eco dos sons que lançam.

O biólogo alemão von Uexküll assinalou que cada espécie animal vive em um mundo próprio, ao que chamou *Umwelt*.

Os dois textos desta prova mostram um tema em comum:

- o valor da inteligência;
- a luta pela sobrevivência;
- a construção de uma nova realidade;
- a observação de seres vivos;
- as diferenças entre animais e seres humanos.

5. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FGV – 2014)

TEXTO 6

6 Escovar os dentes ou se barbear com a torneira fechada geram economia de 79 litros



Na frase, o verbo está no plural por concordar com o sujeito composto "escovar os dentes ou se barbear"; a frase abaixo em que a forma verbal deveria estar no singular é

- deixar a torneira aberta ou fechá-la fazem muita diferença na conta mensal de água;
- lavar o carro com mangueira ou tomar banhos prolongados aumentam a despesa doméstica;
- os adultos ou as crianças podem colaborar na economia doméstica;
- o desperdício de água ou o desmatamento mostram descuido com o futuro do planeta;
- cuidar dos encanamentos ou preocupar-se com vazamentos demonstram consciência cidadã.

6. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FGV – 2014)

2 Se seu chuveiro for aquecido a gás, os primeiros minutos até a água esquentar consomem 15 litros. Coloque um balde embaixo do chuveiro para recolher a água fria, que pode ser reutilizada para limpeza

"para recolher a água fria"; essa frase do texto 5, se nominalizada, adquiriria a seguinte forma:

- para que se recolha a água fria;
- para que se recolhesse a água fria;
- para a acolhida da água fria;
- para a coleta da água fria;
- para que a água fria seja recolhida.

7. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FGV – 2014)

QUANTO FALTA PARA O DESASTRE?

Verão de 2015. As filas para pegar água se espalham por vários bairros. Famílias carregam baldes e aguardam a chegada dos caminhões-pipa. Nos canos e nas torneiras, nem uma gota. O rodízio no abastecimento força lugares com grandes aglomerações, como shopping centers e faculdades, a fechar. As chuvas abundantes da estação não vieram, as obras em andamento tardarão a ter efeito e o desperdício continuou alto. Por isso, São Paulo e várias cidades vizinhas, que formam a maior região metropolitana do país, entram na mais grave crise de falta d'água da história. (*Época*, 16/06/2014)

O item abaixo cujas palavras, retiradas dos textos desta prova, mostram o mesmo tipo de processo de formação é:

- a) onipresente/caminhões-pipa;
- b) infinda/inesgotabilidade;
- c) abastecer/abastecimento;
- d) banheiro/descarga;
- e) consumo/rodízio.

8. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FGV – 2014)

LAR DO DESPERDÍCIO

De acordo com as Nações Unidas, crianças nascidas no mundo desenvolvido consomem de 30 a 50 vezes mais água que as dos países pobres. Mas as camadas mais ricas da população brasileira têm índices de desperdício semelhantes, associados a hábitos como longos banhos ou lavagem de quintais, calçadas e carros com mangueiras.

O banheiro é onde há mais desperdício. A simples descarga de um vaso sanitário pode gastar até 30 litros de água, dependendo da tecnologia adotada. Uma das mais econômicas consiste numa caixa d'água com capacidade para apenas seis litros, acoplada ao vaso sanitário. Sua vantagem é tanta que a prefeitura da Cidade do México lançou um programa de conservação hídrica que substituiu 350 mil vasos por modelos mais econômicos. As substituições reduziram de tal forma o consumo que seria possível abastecer 250 mil pessoas a mais. No entanto, muitas casas no Brasil têm descargas embutidas na parede, que costuma ter um altíssimo nível de consumo. O ideal é substituí-las por outros modelos.

O banho é outro problema. Quem opta por uma ducha gasta até 3 vezes mais do que quem usa um chuveiro convencional. São gastos, em média, 30 litros a cada cinco minutos de banho. O consumidor - doméstico, industrial ou agrícola - não é o único esbanjador. De acordo com a Agência Nacional de Águas, cerca de 40% da água captada e tratada para distribuição se perde no caminho até as torneiras, devido à falta de manutenção das redes, à falta de gestão adequada do recurso e ao roubo.

Esse desperdício não é uma exclusividade nacional. Perdas acima de 30% são registradas em inúmeros países. Há estimativas de que as perdas registradas na Cidade do México poderiam abastecer a cidade de Roma tranquilamente.

(Ambientebrasil, outubro de 2014)

“Sua vantagem é tanta que a prefeitura da Cidade do México lançou um programa de conservação hídrica que substituiu 350 mil vasos por modelos mais econômicos. As substituições reduziram de tal forma o consumo que seria possível abastecer 250 mil pessoas a mais. No entanto, muitas casas no Brasil têm descargas embutidas na parede, que costuma ter um altíssimo nível de consumo”.

Sobre as ocorrências do vocábulo *que* presentes nesse segmento do texto 2, a afirmação correta é a de que:

- a) a primeira e a terceira ocorrência pertencem à mesma classe gramatical;
- b) a segunda ocorrência pertence à mesma classe da primeira;
- c) as três últimas ocorrências pertencem à mesma classe;
- d) a última ocorrência pertence à classe diferente de todas as demais;
- e) a segunda e a quarta ocorrências pertencem a classes diferentes.

9. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FGV – 2014)

Millôr Fernandes disse certa vez que “Beber é mal, mas é muito bom”. (FERNANDES, Millôr. *Mais! Folha de S.Paulo*, 5 ago. 2001, p. 28.) Sobre o emprego do vocábulo “mal” nesse pensamento, pode-se afirmar que:

- a) se opõe semanticamente a “bom”;
- b) pertence à mesma classe gramatical de “bom”;
- c) está grafado erradamente;
- d) exemplifica um caso de derivação imprópria;
- e) compõe um jogo humorístico de palavras com “bom”.

10. (TJ-RJ –TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FGV – 2014)

ANTES QUE A FONTE SEQUE

José Carlos Tórtima, *O Globo*, 04/10/2014

Na deslumbrada primeira visão da nossa terra, Pero Vaz de Caminha, o empolgado escrivão da frota de Cabral, não conteria a euforia ao anunciar, em sua célebre epístola ao rei Dom Manuel, que as águas da nova colônia eram não só muitas, mas “infundas”. Só não imaginava Caminha que com sua bela carta de apresentação da ambicionada Índia Ocidental aos nossos ancestrais lusitanos poderia estar lançando as sementes da arraigada e onipresente cultura de esbanjamento do precioso líquido e do mito de sua inesgotabilidade. Cultura esta que até hoje se faz presente nas cenas de desperdício explícito nas cidades e no campo. E também na timidez de políticas públicas direcionadas à preservação e ao bom uso das reservas do mineral.

No segmento “as águas da nova colônia eram não só muitas, mas ‘infundas’” há uma adição de dois termos; esse mesmo tipo morfossintático de adição se repete em:

- lançando as sementes da arraigada e onipresente cultura de esbanjamento”;
- esbanjamento do precioso líquido e do mito de sua inesgotabilidade”;
- desperdício explícito nas cidades e no campo”;
- e também na timidez de políticas públicas”;
- políticas públicas direcionadas à preservação e ao bom uso das reservas do mineral”.

11. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

Só me faltam seis meses e 28 dias para estar em condições de me aposentar. Deve fazer pelo menos cinco anos que mantenho este cômputo diário de meu saldo de trabalho. Na verdade, preciso tanto assim do ócio? Digo a mim mesmo que não, que não é do ócio que preciso, mas do direito a trabalhar no que eu quiser. Por exemplo? Jardinagem, quem sabe. É bom como descanso ativo para os domingos, para contrabalançar a vida sedentária e também como defesa secreta contra minha futura e garantida artrite.

(Mário Benedetti. A trégua. Trad. de Joana Angelica D’Ávila Melo)

Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:

- É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria; otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.
- O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse, depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
- Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
- Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
- Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem salda-das as dívidas pendentes.

12. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

Por mais de três séculos, do início da colonização ao oca-so do Império, a economia do Brasil foi sustentada pelos escravos. Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café e nas minas de ouro e diamante. O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia. Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil. Desse total, 1 milhão entrou no país pelo Valongo, um cais construído no Rio de Janeiro em 1758 especialmente para receber navios negreiros. Os escravos eram expostos e vendidos em lojas espalhadas pela vizinhança. O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831, quan-do foi proibida a importação de escravos. Logo foi apagado. Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz, para o desembarque da mulher de D. Pedro II, Teresa Cristina. Mais tarde, a República aterrou aquela zona e a cobriu com ruas e praças. O maior porto de chegada de escravos desapareceu como se nunca tivesse existido.

Quase dois séculos depois, o Brasil se vê obrigado a encarar novamente um dos cenários mais vergonhosos de sua história. Com o objetivo de embelezar o Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos de 2016, a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária. Na varredura do subsolo, exigida pela lei, para impedir que relíquias enterradas sejam perdidas, uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo. As ruínas foram localizadas debaixo de uma praça malcuída entre o Morro da Providência, o Elevado da Perimetral e a Praça Mauá.

O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas, na periferia da cidade. Antes de sua abertura os navios negreiros desembarcavam sua carga na atual Praça Quinze, no centro do Rio, justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia. Com o tempo, os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos. O cais do centro continuou funcionando depois da criação do Valongo, mas sem mercadoria humana.

(Ricardo Westin. Veja, 17 de agosto de 2011, p. 126-128, com adaptações)

As pinturas da época mostram que os escravos não ficavam acorrentados no Valongo.

Os escravos desembarcavam desnutridos e doentes.

Os escravos desconheciam a nova terra.

Escravos que fugiam e acabavam recapturados eram impiedosamente castigados.

As frases acima estão articuladas com lógica, clareza e correção, sem repetições desnecessárias, em:

- Os escravos, que não ficavam acorrentados no Valongo, visto que desembarcavam desnutridos e doentes e ainda desconheciam a nova terra caso fugissem e acabavam recapturados para ser impiedosamente castigados, segundo as pinturas da época.
- Os escravos, que desembarcavam desnutridos e doentes, não ficavam acorrentados no Valongo, como mostram as pinturas da época, não só porque desconheciam a nova terra como também porque aqueles que fugiam e acabavam recapturados eram impiedosamente castigados.
- Os escravos não ficavam acorrentados no Valongo, pois desembarcados desnutridos e doentes, eles desconheciam a nova terra, além do que, os escravos que fugiam eram impiedosamente castigados conquanto fossem recapturados, é o que mostram as pinturas da época.
- Os escravos desembarcavam no Valongo desnutridos e doentes, de acordo com o que se mostra as pinturas da época, onde eles não ficavam acorrentados, e desconheciam a nova terra, tanto que fugiam e acabavam recapturados, sendo impiedosamente castigados.
- Segundo as pinturas da época, os escravos não ficavam acorrentados no Valongo e, no entanto, desnutridos e doentes, bem como desconheciam a nova terra, se eles fugiam acabavam recapturados, e ainda mais eram impiedosamente castigados.

13. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

Fomos uma geração de bons meninos. E acreditem: em boa parte por causa dos heróis dos quadrinhos. Éramos viciados em gibis. Nosso ideal do bem e mesmo a prática do bem podem ser creditados ao Batman & Cia. tanto quanto ao medo do inferno, aos valores da família e aos ensinamentos da escola. Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.

Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil, sem cobrar pela lição. Não era só por exigência da família, da escola ou da religião que os meninos tinham de ser retos e bons; eles queriam ser retos e bons - como os heróis. Viviam o bem na imaginação, porque o bem era a condição do herói. A lei e a ordem eram a regra dentro da qual transitavam os heróis. Eles eram o lado certo que combatia o lado errado.

Atualmente não sei. Parei de ler gibis, só pego um ou outro da seção nostalgia. Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes, mas alguns parecem cheios de rancor, como o Wolverine, ou vítimas confusas sem noção de bem e mal, como o Hulk, ou exilados freudianos, como o belo Surfista Prateado, ou presas possíveis da vaidade, como o Homem-Aranha. Complicou-se a simplicidade do bem. Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos. Não são simples, e retos, e fortes, e afinados com seus dons, como os heróis clássicos; são complexos, e dramáticos, e ambíguos, como ficou o mundo.

(Fragmento de Ivan Angelo. Meninos e gibis. Certos homens. Porto Alegre: Arquipélago, 2011. p.147-9)

O sentido do elemento grifado está expresso adequadamente entre parênteses e em negrito ao final da transcrição em:

- a) Viviam o bem na imaginação, porque o bem era a condição do herói. (conquanto)
- b) Não era só por exigência da família, da escola ou da religião... (inclusive)
- c) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil... (proviam)
- d) Parei de ler gibis, só pego um ou outro da seção nostalgia. (antiquário)
- e) E acreditem: em boa parte por causa dos heróis dos quadrinhos. (à revelia)

14. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igreja tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.

(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)

... ela só e mais uma dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.

Iniciando o período acima por **A fisionomia tradicional da colina**, mantêm-se a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, em:

- a) com seu caráter simples, ainda que baste para a igreja e seu círculo de meia dúzia de palmeiras.
- b) basta que guarde o caráter de sua simplicidade, além de uma meia dúzia de palmeiras.
- c) basta simplesmente a ser guardada a igreja, em torno de uma meia dúzia de palmeiras.
- d) é suficientemente guardada pela simplicidade da igreja, bem como por uma meia dúzia de palmeiras.
- e) é simplesmente com o caráter de sua simplicidade, que só a igreja e mais uma meia dúzia de palmeiras conseguem.

15. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

Nosso espaço

Já somos mais de 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase. Se fosse um planeta bem administrado isso não assustaria tanto. Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado. Temos a fertilidade de coelhos e o caráter dos chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade. As megacidades, que um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam - um helicóptero em cada garagem e calor sintética para todos, segundo as projeções futuristas de anos atrás -, se transformaram em representações da injustiça sem remédio, cidadelas de privilégio cercadas de miséria, uma réplica exata do mundo feudal, só que com monóxido de carbono.

Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam - conscientemente ou não - para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço. Os jornais ficaram mais estreitos para economizar papel, mas também porque diminuí a área para a expansão dos cotovelos. Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta. A tendência de tudo feito pelo homem é a diminuição - dos telefones e computadores portáteis aos assentos na classe econômica. O próprio ser humano trata de perder volume, não por razões estéticas ou de saúde, mas para poder caber no mundo.

(Adaptado de Luís Fernando Veríssimo, **O mundo é bárbaro**)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:

- a) Será que um dia se (atingir) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?
- b) Infelizmente não (caber) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.

- c) Não é difícil imaginar o que nos (reservar) o adensamento das aglomerações urbanas.
- d) Aos jornais se (impor) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.
- e) Até mesmo a regime de emagrecimento (dever) submeter-se os homens do futuro.

16. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

Cafezinho

Leio a reclamação de um repórter irritado que precisava falar com um delegado e lhe disseram que o homem havia ido tomar um cafezinho. Ele esperou longamente, e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.

Tinha razão o rapaz de ficar zangado. Mas com um pouco de imaginação e bom humor podemos pensar que uma das delícias do gênio carioca é exatamente esta frase:

— Ele foi tomar café.

A vida é triste e complicada. Diariamente é preciso falar com um número excessivo de pessoas. O remédio é ir tomar um “cafezinho”. Para quem espera nervosamente, esse “cafezinho” é qualquer coisa infinita e torturante. Depois de esperar duas ou três horas dá vontade de dizer:

— Bem, cavalheiro, eu me retiro. Naturalmente o Sr. Bonifácio morreu afogado no cafezinho.

Ah, sim, mergulhemos de corpo e alma no cafezinho. Sim, deixemos em todos os lugares este recado simples e vago:

— Ele saiu para tomar um café e disse que volta já.

Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes e perguntar:

— Ele está? - alguém dará o nosso recado sem endereço.

Quando vier o amigo e quando vier o credor, e quando vier o parente, e quando vier a tristeza, e quando a morte vier, o recado será o mesmo:

— Ele disse que ia tomar um cafezinho...

Podemos, ainda, deixar o chapéu. Devemos até comprar um chapéu especialmente para deixá-lo. Assim dirão:

— Ele foi tomar um café. Com certeza volta logo. O chapéu dele está aí...

Ah! fuja assim, sem drama, sem tristeza, fuja assim. A vida é complicada demais. Gastamos muito pensamento, muito sentimento, muita palavra. O melhor é não estar.

Quando vier a grande hora de nosso destino nós teremos saído há uns cinco minutos para tomar um café. Vamos, vamos tomar um cafezinho.

(Rubem Braga)

Com relação ao episódio com que inicia a crônica, o autor se mostra

- a) crítico intransigente tanto do comportamento do delegado, por ter deixado o repórter esperando por tanto tempo, como da atitude deste último, que não soube considerar a situação com ironia e bom humor.

b) propenso a julgar a reação do repórter de modo muito mais severo do que a conduta do delegado, sugerindo ter havido grande exagero na afirmação de que este passara o dia inteiro tomando café.

c) solidário com o repórter na raiva que este experimentou ao esperar inutilmente pelo delegado e, ainda que de modo bem humorado, inteiramente avesso aos desvios de conduta de uma autoridade.

d) indiferente à irritação do repórter e condescendente em relação à ausência do delegado, acreditando que as complicações da vida justificam inteiramente a necessidade de se recorrer à desculpa do café

e) compreensivo em relação à cólera do repórter, mas disposto a tomar o pretexto do café de que se vale o delegado para considerar, de modo bastante irônico, as razões de seu uso generalizado.

17. (TJ-RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA– FCC – 2012)

O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentais, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.) Com efeito, ao pensarmos nos grandes textos sobre a amizade, vêm-nos de imediato à lembrança a bela dissertação do Lúlio de Cícero, brotada do interior de seu luto pela morte de Cipião, o sensível capítulo das Confissões de Santo Agostinho dedicado à memória do amigo, ou mesmo o Fédon de Platão e seu relato pungente da morte de Sócrates. Montaigne tem pois predecessores ilustres, e, explicitamente, incorpora o seu texto nessa linhagem.

E, no entanto, ao ler seu ensaio (livro I, 28), sentimos que disso a bastante do andamento mais moderado dessas composições da tradição. Sua dissertação, sentimos logo, engata alturas mais elevadas, vibra de modo mais intenso. Montaigne radicaliza. Com ele a grandeza daquelas amizades se expande num elemento mais vasto, desafia a moderação, vai ao superlativo. A estreita proximidade das almas se ultrapassa; chega à fusão e assim toca o sublime.

(Fragmento adaptado de Sérgio Cardoso. Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne. Os sentidos da paixão. S.Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.162-3)

O sentido do elemento grifado **NÃO** está expresso adequadamente, entre parênteses e em negrito, ao final da transcrição em:

- a) ... ou mesmo o Fédon de Platão e seu relato pungente da morte de Sócrates. (sereno)
- b) Com ele a grandeza daquelas amizades se expande num elemento mais vasto, desafia a moderação, vai ao superlativo. (ponto mais alto)

- c) ... os sentimentos vitais, contentes e continentais, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. (vigoram)
- d) Com efeito, ao pensarmos nos grandes textos sobre a amizade, vêm-nos de imediato à lembrança a bela dissertação... (memória)
- e) Com efeito, ao pensarmos nos grandes textos sobre a amizade, vêm-nos... (De fato)

18. (TJ-RJ –ANALÍSTA JUDICIÁRIO– FCC – 2012)

Entre a palavra e o ouvido

Nossos ouvidos nos traem, muitas vezes, sobretudo quando decifram (ou acham que decifram) palavras ou expressões pela pura sonoridade. Menino pequeno, gostava de ouvir uma canção dedicada a uma mulher misteriosa, dona Ondirá. Um dia pedi que alguém a cantasse, disse não saber, dei a deixa: "Tão longe, de mim distante, Ondirá, Ondirá, teu pensamento?" Ganhei uma gargalhada em resposta. Um dileto amigo achava esquisito o grande Nat King Cole cantar seu amor por uma misteriosa espanhola, uma tal de dona Quiças... O ator Ney Latorraca afirma já ter sido tratado por seu Neila. Neila Torraca, é claro. Agora me diga, leitor amigo: você nunca foi apresentado a um velhinho chamado Fulano Detal?

(Armando Fuad. Inédito)

Com base nos casos narrados no texto, é correto afirmar que, por vezes, entre a palavra e o ouvido

- a) ocorre um tipo de interferência no modo de recepção que distorce inteiramente o sentido original da mensagem.
- b) uma falha do aparelho auditivo deforma o som captado, levando o receptor a entender outra coisa.
- c) a mensagem original se perde porque se ouviu uma expressão já adulterada pela má pronúncia de terceiros.
- d) buscamos reconhecer uma sonoridade apenas por seu efeito acústico, sem lhe emprestar nenhum sentido.
- e) nossa capacidade criativa faz com que recusemos sons muito usuais, substituindo-os por outros, mais exóticos.

19. (TJ-RJ –ANALÍSTA JUDICIÁRIO– FCC – 2012)

Joaquim Manuel de Macedo ficou famoso por causa de *A Moreninha* (1844), romance que virou sinônimo do gênero romântico no Brasil e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem. Dr. Macedinho, como era popularmente conhecido, editaria a obra às próprias custas e não se arrependia: o livro converteu-se em nosso primeiro best-seller. Apesar do sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido a partir da atividade como jornalista, articulista e cronista. Médico de formação, Macedo enveredaria pela literatura de maneira ampla. Num momento em que parecia natural cruzar a ponte entre jornalismo e literatura, Macedinho sagrou-se personagem descolado no Rio de Janeiro de Pedro II.

E começou cedo: com apenas 24 anos, além de se dedicar ao romance, passou às páginas de jornal. Porém, se sua obra ficcional é conhecida, a produção jornalística é pouco divulgada. A desproporção é gritante, uma vez que o escritor publicou durante quatro décadas em vários órgãos cariocas. Apenas no sisudo *Jornal do Comércio*, reduto conservador dos mais estáveis, Macedo foi presença cativa durante 25 anos, sem interrupção. Suas colunas ocupavam o espaço prestigioso do rodapé da primeira página de domingo, dia em que a circulação duplicava.

Macedo era mesmo um agitador. Ajudou a criar uma tradição para nossas artes, letras e história. Nosso escritor usaria de suas boas relações e da sua literatura ágil para fortalecer seu grupo, empenhado na construção cultural do país.

(Lília Moritz Schwarcz. *O Estado de S. Paulo*, sábado, S6, 26 de março de 2011, com adaptações)

Destaca-se no texto

- a) a existência de um vasto público voltado para a leitura de obras de caráter romântico, ainda no século XIX.
- b) o papel desempenhado por romancistas na difusão do hábito de leitura entre rapazes e moças durante o século XIX.
- c) a participação de Macedo como importante colunista no Rio de Janeiro, centro difusor de cultura durante o Império.
- d) a influência de uma imprensa politizada na vida do Rio de Janeiro, responsável pela divulgação de romances no século XIX
- e) a agitação cultural do Rio em pleno século XIX, que obrigou Macedo a optar pela atividade jornalística.

20. (TJ-RJ –ANALÍSTA JUDICIÁRIO– FCC – 2012)

O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentais, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a chave da perda marca tanto essa literatura e a tingem tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os reles dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.) Com efeito, ao pensarmos nos grandes textos sobre a amizade, vêm-nos de imediato à lembrança a bela dissertação do Lúlio de Cícero, brotada do interior de seu luto pela morte de Cipião, o sensível capítulo das Confissões de Santo Agostinho dedicado à memória do amigo, ou mesmo o Fédon de Platão e seu relato pungente da morte de Sócrates. Montaigne tem pois predecessores ilustres, e, explicitamente, incorpora o seu texto nessa linhagem.

E, no entanto, ao ler seu ensaio (livro I, 28), sentimos que disso a bastante do andamento mais moderado dessas composições da tradição. Sua dissertação, sentimos logo, engata alturas mais elevadas, vibra de modo mais intenso. Montaigne radicaliza. Com ele a grandeza daquelas amizades se expande num elemento mais vasto, desafia a moderação, vai ao superlativo. A estreita proximidade das almas se ultrapassa; chega à fusão e assim toca o sublime.

(Fragmento adaptado de Sérgio Cardoso. *Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne*. Os sentidos da paixão. S.Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.162-3)